



Ensino da Saúde Mental no *Curriculum* do Curso de Educadores de Infância

António Pacheco Palha*

Saúde é definida pela OMS como um estado de completo bem estar físico, social e mental, e se a sua promoção começa antes do nascimento do futuro ser, como é nossa opinião, numa gravidez planeada e desejada, com um seguimento médico e psicológico correcto, sem dúvida que é após o nascimento que a interacção do bio-psico-social se tornará preponderante.

Se assim é, todos os que intervierem sobre a criança nos primeiros anos de vida, sejam os pais, sejam outros agentes de educação, como é o caso das educadoras de infância, têm um papel essencial num saudável crescimento e desenvolvimento psicológico e físico. De um modo um tanto redutor poderemos afirmar que do físico trata o pediatra e sobre isso não restarão grandes dúvidas. Mas quem trata do psicológico? Poderia e deveria ser também o pediatra, mas geralmente é/ou era a família. Nos nossos tempos já não é só a família como tradicionalmente sucedia, mas cada vez mais um grupo diferenciado de pessoas, de onde se destaca a educadora de infância.

Tem sido dito que o Homem é um produto da educação, tanto mais que, na escala animal, é o ser que nasce mais "inacabado", provavelmente tão inacabado como há centenas ou, mesmo, milhares de anos atrás. A grande diferença está no que aprende desde que nasce, ou seja, a grande diferença está na educação.

De facto como ser inacabado biologicamente (tem de crescer e maturar múltiplos sistemas orgânicos, com relevo especial para o sistema nervoso central) e, psicologicamente, depende enormemente do ambiente para sobreviver e crescer, num desenvolvimento que se deseja harmonioso. Aquela circunstância torna o indivíduo humano capaz de se adaptar, de ser plástico, de ir mais longe que os animais e no seu desenvolvimento é de primordial importância a ultrapassagem com êxito de duas etapas fundamentais: a aquisição da marcha e a aquisição da linguagem falada.

A educadora está próxima da criança nas primeiras etapas do seu crescimento e desenvolvimento, pelo que é um agente que pode interferir de um modo positivo na criação das bases da personalidade em formação.

No domínio do cognitivo existe já um conhecimento bem definido do que a

* Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Porto.
Director do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental do Hospital de S. João.

criança deve aprender e conhecer em cada período de maturação intelectual, bem assim como os métodos mais adequados ao bom êxito destas tarefas.

No entanto no domínio do afectivo, das emoções e dos sentimentos a tarefa da educadora torna-se mais complexa e delicada, tendo em vista o estabelecimento de uma boa base afectiva para a progressiva maturação emocional de modo a ser atingida a Saúde Mental.

A educadora de infância deve ter um conhecimento aprofundado das principais etapas do crescimento e maturação física e psíquica do homem e suas perturbações, de modo a poder encarar qualquer tipo de alteração que a criança à sua guarda sofra ou venha a sofrer.

Na área da disciplina da Saúde Mental parece-nos interessante incluir no seu *curriculum* noções gerais sobre algumas das perturbações psicológicas mais comuns com as quais a educadora de infância deve estar preparada para lidar.

Assim foram incluídas entre outras as seguintes áreas de estudo:

. os atrasos intelectuais, sua caracterização e métodos de avaliação, no pressuposto de que sem uma adequada estimulação cognitiva não é possível dar-se o desenvolvimento das potencialidades que cada ser tem à nascença;

. a linguagem e suas perturbações, considerando que a linguagem falada e a escrita são o veículo indispensável de aprendizagem intelectual, de estruturação do pensamento e identidade individual;

. a afectividade e suas perturbações como sejam os síndromes depressivos, tendo em atenção a importância que um bom equilíbrio emocional e sentimental tem para a estabilidade do indivíduo e para a sua qualidade de vida;

. generalidades sobre síndromes psico-patológicos, como sejam o autismo infantil, a epilepsia, a anorexia nervosa, o comportamento hipercinético, os tiques, a onicofagia, a enurese e a encoprese, considerando a importância da educadora como observadora atenta dos seus educandos, podendo ter um papel de relevo na prevenção primária e na reabilitação;

. a relação filho pais e a dinâmica familiar, na infância, na convicção de que o papel da educadora de infância não se extingue na acção sobre as crianças, mas que também deveria ter uma acção formadora e de ligação com a família e com os agentes de saúde.

Vemos pois, de uma maneira sucinta alguns pontos que, no nosso entender, devem merecer melhor atenção na área da Saúde Mental, dentro do currículo escolar do Curso de Educadoras de Infância.

Como se pode compreender do que foi dito, o papel que reservamos para a educadora de infância extravasa a instituição escolar, devendo aquela estender-se à família dos formandos, em moldes flexíveis e aproveitando todas as ocasiões que se proporcionem, quer no dia a dia de vida escolar, quer planeadas de modo a ser dado um eficaz apoio aos pais que dele necessitem, para bem da Saúde Mental de uns e de outros.

Assim sendo, a educadora de infância tem um relacionamento privilegiado com os pais da criança, tendo por isso uma função primordial na interligação escola/família, numa relação onde deve ser estabelecido um verdadeiro diálogo, e não uma relação falsificada pela crença entre o detentor do saber e o ignorante.

A educadora de infância, por este relacionamento privilegiado com a criança e o seu meio familiar pode actuar na prevenção de algumas perturbações, tais como o alcoolismo, perturbações da esfera oro-alimentar e dar a resposta no momento adequado às solicitações por parte dos pais e ao encaminhá-los para centros onde possam eventualmente ter uma assistência especializada.

Todo este tipo de prevenção pode ser iniciado desde a mais tenra idade, ao detectar pequenas alterações no comportamento da criança, no seu relacionamento com os outros componentes do grupo, com os adultos e até com a própria família. Quantas vezes os pais pedem conselhos, opiniões às educadoras e quantas vezes não lhes confiam as suas preocupações, anseios e temores? Questões por vezes tão simples como "a que horas devo deitar o meu filho?", "deve ou não dormir a sesta?", "devo obrigá-lo a comer?", "devo obrigá-lo a ir à escola quando não quer?".

São algumas das problemáticas com que qualquer educadora de infância deve estar familiarizada para dar uma resposta rápida e adequada, que possa transmitir algum saber e sobretudo segurança por parte de quem tem a seu cargo a educação de um jovem ser. Esta acção não deve contudo ser sentida pelos pais como uma interferência ou ameaça à unidade do grupo familiar.

Tranquilizar os pais com respostas correctas e adequadas às situações em causa, evita que muitas vezes a criança passe a ser tratada como um diminuído e a ser excluída ou até auto-excluir-se do grupo dos ditos "normais".

A educadora de infância não deve, nem é sua função, estabelecer diagnósticos clínicos, no entanto, pelas informações enviadas ao médico pode ter um papel preponderante no estabelecimento de diagnósticos correctos de determinadas perturbações e participar no trabalho meritório de organização de programas educacionais específicos para a situação diagnosticada.



A simples função de aceitar sem ressentimento e sem limitações uma criança com epilepsia, por exemplo, na sua sala de aulas, pode fazer com que essa criança e a sua família aceitem de um modo adequado os problemas ligados a esta doença.

Não será só em relação às famílias, mas também em relação ao meio sócio-cultural em que as crianças estão inseridas que a prevenção de certas perturbações se irá fazer. Não é possível dissociar a criança do meio sócio-familiar, sem ter presentes as consequências desse acto.

Avaliar equilibradamente toda esta problemática por vezes não é fácil, razão pela qual pensamos que o ensino da Saúde Mental a nível deste curso é primordial para o entendimento de um pequeno ser que se encontra em fase de desenvolvimento acelerado e sujeito desde muito cedo a uma série de circunstâncias e factores, uns favoráveis outros desfavoráveis, em relação àquele desenvolvimento.

Nesta perspectiva tem a educadora de infância um papel relevante no acompanhamento de uma fase de desenvolvimento do ser humano, que é decisiva para o seu futuro, e sobre a qual assenta todo o edifício bio-psicológico que o virá a caracterizar como adulto. As educadoras de infância podem e devem contribuir para a harmonia desta construção, com o seu saber e a sua intervenção activa, nomeadamente com o conhecimento e a experiência que adquiriram na importante área da Saúde Mental.